

Resenha: Percurso da filosofia contemporânea: um olhar sobre o livro a iniciação à história da filosofia de Danilo Marcondes

Review: *Course of contemporary philosophy: a look at the book the initiation to history of philosophy Danilo Marcondes*

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13^o ed.- Rio de Janeiro. 2010.

Andressa Bessa Machado Lima

*Graduanda na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).
Pós-Graduanda em Direitos Humanos e Garantias Fundamentais (UNEMAT).
E-mail: andreessabessa@gmail.com*

Maykon de Lima Bessa

*Graduado na Universidade de Rio Verde, campus Caiapônia-GO (UniRV).
Pós-Graduando em Direitos Humanos e Garantias Fundamentais (UNEMAT).
E-mail: maykonsaxaltocpa@gmail.com*

Maria do Rosário Soares Lima

*Mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
E-mail: mariadorosariovilarica@gmail.com*

O livro *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*, do escritor Danilo Marcondes, divide-se em quatro partes, sendo elas: filosofia antiga; filosofia medieval; filosofia moderna e; filosofia contemporânea. O que se pretende esboçar nesta resenha é a filosofia contemporânea, que no livro, divide-se em três temáticas: a problemática filosófica no século XX; os herdeiros da modernidade e; a ruptura com a tradição.

No século XIX, para a filosofia, deu-se o grande marco da descoberta da historicidade do homem, da sociedade e da ciência. Hegel (filósofo alemão) garante que a História é o modo de ser da razão e da verdade, o modo de ser dos seres humanos, e que, portanto, somos seres históricos. Nisto, levou a entender que os seres humanos (sociedade) melhoram com o passar do tempo, aglomeram conhecimentos e aperfeiçoam-se cada vez mais em suas práticas, chamando-se de progresso.

Enquanto isso, a filosofia do século XX assegurava que a historicidade da sociedade é descontínua e não progressiva, pois, os conhecimentos e as práticas possuem sentidos e valores próprios, e, portanto, submergem em períodos posteriores. Ela também afirmava que não há uma única cultura, mas sim culturas diferentes, pois cada uma tem sua maneira de relacionar-se com o tempo, de formar seus mitos e crenças e tem o modo próprio de produzir seus valores.

Assim, a filosofia - século XX - teve uma enorme ampliação teórica contrária ao que se refere à validade do conhecimento por meio de apreciação e abstrações absolutas, isto é, afirmações universais. As convicções decorrentes do pensamento clássico foram derrubadas, apesar de que ainda permanece como problemas sociais, econômicos e científicos. Determinados enigmas sempre retornam sob novas formas: uns ficam para trás e outros são verdadeiramente novos e exigem novas respostas. Nenhuma filosofia é definitiva, porque a própria vida não o é.

No que se refere aos herdeiros da modernidade, temos a fenomenologia (movimento filosófico implantado por Husserl), que teve como pretensão aprender o fenômeno - objeto é em si. A filosofia Husserliana traz consigo um novo modo de investigação, que perpetrará da fenomenologia um marco indispensável na filosofia contemporânea.

Sartre teve como corrente filosófica o existencialismo, dizendo que a existência precede à essência, quer dizer que o homem, primeiro existe no mundo e, depois, realiza-se. O homem se define por meio de suas ações e pelo que faz com sua vida. Para Sartre, Deus não existe, deste modo, ainda que o homem pense que Deus o criou é na verdade ele quem criou Deus.

Deste modo, o existencialismo de Sartre traz um pouco de otimismo no qual, induz o homem a enfrentar suas potencialidades, saindo da paralisação e tornando-se parte ativa na construção de seu próprio ser. Ele sugere que o homem deve libertar seu pensamento habitual de ser e agir. O homem deve projetar-se para encarar a realidade tal como ela é: o homem inventa o homem.

Tratando-se agora da filosofia analítica (como a própria palavra sugere), significa analisar, analisar algo. A filosofia analítica realiza análise de acordo com um determinado estudo (algo exposto), caracterizando-se pela valorização da clareza e precisão argumentativa. Ela se divide em duas vertentes, sendo ela: positivismo lógico e filosofia linguística.

O positivismo lógico começou quando Wittgenstein escreveu que a filosofia não é um mandamento de doutrina, mas sim, uma atividade. Eles (positivistas lógicos) acreditavam que a finalidade da filosofia não era produzir novas teorias que descrevem o universo ou a realidade, mas sim, de analisar as teorias já existentes para lhes trazerem esclarecimentos. Já a filosofia da linguagem se destaca pela importância de analisar a linguagem cotidiana e o senso comum.

Por conseguinte, a escola de Frankfurt acreditava que, ao arrancar a humanidade da espiritualidade, e ao destruir os bens materiais (instituídos pelo capitalismo), os homens

viveriam livres, sem o sentimento de responsabilidade e sem o fardo de sua própria consciência.

De outro giro, no que diz respeito à filosofia de Heidegger, a principal indagação é relacionada ao Ser, ao contrário dos filósofos antigos que perguntavam sobre o ente. Os entes diferenciam-se pelo mostrar-se, pelo aparecer. Estão presentes sempre no ser (verdade) e no não-ser (não verdade).

Para Wittgenstein, a filosofia é um exercício de esclarecimentos, de clarificação. E é justamente isto que a filosofia pós-moderna retrata, devem-se encontrar novos rumos para o pensamento, idealizando a filosofia de forma mais vasta e reflexiva, entendendo suas especificidades e complexidades.

Mediante o exposto, podemos concluir que a filosofia contemporânea nasce sob o signo da liberdade, embora ela seja incapaz de dizer com veracidade, quais são as respostas verdadeiras às lacunas que ela traz, está hábil a recomendar possibilidades que expandem nossos pensamentos e nos liberta da opressão do cotidiano. Deste modo, ainda que diminua nosso sentimento de certeza a respeito do que as coisas são, ela aumenta gradativamente nosso conhecimento em direção ao que as coisas podem ser.

Referência

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13^o ed.- Rio de Janeiro. 2010.